

## ENTRE O NARRAR E A CONSTRUÇÃO DO OLHAR: O CASO DO JONGO DA SERRINHA

Cláudia Cristina dos Santos **Andrade** – UERJ

Formas de narrar contribuem para construção de formas de olhar? A pergunta que abre este trabalho nasce de pesquisas anteriores, em diálogo com reflexões contínuas sobre as manifestações culturais vivenciadas na Cidade do Rio de Janeiro, local de convívio constante com a diversidade e, por outro lado, cidade que se vê sitiada e amedrontada em face da violência alardeada pela mídia. Surge destas reflexões o objeto do estudo, ainda em andamento: a compreensão das formas de olhar em face das vivências culturais de crianças de 9 a 12 anos, que participam da Escola de Jongo, na Serrinha, localidade do Município do Rio de Janeiro.

Pesquisas anteriores sobre as representações infantis da produção televisiva apontaram para o fato de que os conhecimentos construídos pelas crianças se fazem em face dos processos de construção de identidade, que, por sua vez, se desenvolvem no seio de diferentes contextos. Nestes circulam os sentidos cambiantes da ideologia do cotidiano (BAKHTIN, 1997) que fazem com que a subjetividade seja marcada pelo Outro. Ao expressarem seus conceitos, as crianças faziam referências explícitas a ideias que nasciam destes diferentes contextos e dos seus enunciados fizeram parte os “ouvintes”, operando transformações de sentidos, dirigindo-se ao grupo e dele se constituindo. Percebeu-se que, na dialética ali presente, há um potencial transformador, fomentado pela distribuição do conhecimento, fazendo com que quanto mais acesso e discussão sobre os produtos culturais, maior espaço para a crítica aos produtos televisivos, que, sabemos, carrega marcas dos discursos hegemônicos, apresentando padrões de beleza e consumo quase sempre distantes de vários grupos étnico-raciais.

Partimos da hipótese de que o acesso à diversidade de leituras (em seus diferentes sentidos) e a vivência das manifestações culturais possibilitam a disponibilidade do olhar para o novo, alimentando a curiosidade e a criticidade, na direção proposta por Freire (2000, p. 103).

No primeiro formato do projeto, constituído no primeiro semestre de 2008, enfatizávamos a ação da escola como produtora de importantes mediações. Porém, após um processo de revisão nascido das discussões com os bolsistas e outros grupos de pesquisa, voltamos a atenção para os contextos culturais em que estão imersas as

crianças, buscando instituições que promovessem o acesso a diferentes manifestações culturais.

O trabalho aqui proposto diz respeito a esta fase da pesquisa, em que se observou o trabalho realizado pelo Centro Cultural Jongo da Serrinha, um dos poucos locais de permanência do Jongo no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro. Foram realizadas entrevistas com as gestoras, observações e análise do cadastro das crianças que frequentam a Escola de Jongo.

O contato com o Jongo se deu, inicialmente, através do estudo de Alcântara (2008) que enfatiza sua importância como manifestação cultural complexa, situada entre o sagrado e o profano. Para o pesquisador “o Jongo é uma instituição social na medida em que o conceito abrange, simultaneamente, a prática divinatória, dança, canto, canções, melodia, instrumentos, o momento da confraternização e o grupo social dos jogueiros”. Como instituição social, sua permanência garante a continuidade de uma forma de narrar costumes ancestrais, uma poética carregada de marcas identitárias. Neste sentido, o aprender/aprender o Jongo reforça laços e alianças importantes para a constituição dos sujeitos diaspóricos, como nos diz Passos e Carvalho(2009, p.10) ressaltando a articulação da identidade negra com muitas outras, em processos múltiplos. É importante ressaltar que o contato com o trabalho desenvolvido e com as crianças fez com que a pesquisa ganhasse novos rumos, propondo discutir o assunto com o GT Educação e relações étnico-raciais, por considerar a questão identitária central nos processos de construção do olhar.

## **2. A CONSTRUÇÃO DO OLHAR**

O conceito de olhar ao qual nos referimos pode ser traduzido como representação. A opção pelo conceito de olhar se dá pelo valor significativo da palavra, que me permite tratar tanto da ação (ver) como de sua representação. Observando uma mesma paisagem, duas pessoas veem coisas diferentes, pois sua observação é guiada por suas experiências, aquilo que passa a servir de referência para novas aprendizagens e percepções. Porém, também veem elementos comuns, que perpassam as nossas construções cotidianas. Há o que é meu e o que é nosso no olhar individual, que se tocam e se modificam em uma relação dialógica. Ele constitui uma das portas de entrada de nossas experiências, no sentido que Benjamin concede ao termo em seu texto *Sobre alguns temas em Baudelaire*, um “fato de tradição, tanto na vida coletiva quanto na particular. Consiste não tanto em acontecimentos isolados fixados exatamente na

lembrança, quanto em dados acumulados, não raro inconscientes, que confluem na memória” (BENJAMIN, 1980, p. 30). Nesse texto, ao discutir o conceito de memória involuntária em Proust, o filósofo se refere à experiência como algo que conjuga conteúdos do passado individual com os do passado coletivo, ressaltando o papel dos cultos na construção da memória. Para Benjamin(1980, p.32) eles “realizavam continuamente a fusão entre esses dois materiais da memória. Provocavam a lembrança de épocas determinadas e continuavam como ocasião e pretexto dessas lembranças durante toda a vida. Lembrança voluntária e involuntária perdem assim sua exclusividade recíproca.”

Assim, o material que significa o olhar carrega a historicidade em que estamos imersos, que, por sua vez, devolve ao coletivo os significados que construímos, expressando os sentimentos, as percepções de mundo, captando e interpretando as imagens. Para Sodré (2006), há uma mediação no olhar, compreendendo que o ver provoca construção de imagens mentais, representações.

Há formas diferentes de olhar, mais atentos e mais dispersos. Os olhares atentos permitem a construção da experiência, no sentido posto por Benjamin(1980), apreendendo os objetos que passam a modificar os significados por nós construídos. Os olhares dispersos compõem vivências e se deslocam a partir da atração estética dos objetos.

O olhar atento conjuga formas de estar no mundo menos submissas aos discursos pré-formulados e ideologicamente dirigidos. Vasculhar esse olhar é uma forma de compreender sua constituição e contribuir com o trabalho pedagógico. Levantamos a hipótese que a emergência do olhar crítico se dá a partir do convívio com diferentes experiências culturais, pois estas disponibilizam o olhar para o novo. Curiosidade e criticidade estão, neste contexto, indissociáveis.

### **3. UMA FORMA DE NARRAR: O JONGO**

Bendito, louvado seja  
É o Rosário de Maria,  
Bendito pra Santo Antônio  
Bendito pra São João  
Senhora Sant’Ana  
Saravá meus irmãos  
(JONGO DA SERRINHA, 2001, p. 46)

O batuque do tambor marca a dança, enquanto homens e mulheres pisam com o pé direito, acompanhando o ritmo com o corpo. Os “pontos” ou “jongos” cantados remontam a outra época, exigindo a tradução de suas múltiplas metáforas. A força da manifestação é percebida por vários canais: ouvimos, sentimos, vemos, dançamos.

Segundo Alcantara(2008), o jongo é uma manifestação oriunda dos povos bantu, resultado da trajetória dos negros em África e na diáspora acontecida no Brasil. Os principais elementos que o constituem são o terreiro, a fogueira, o tambor e a dança. Os “pontos” narram não só a trajetória como os processos de (re) construção identitária. O autor busca, em sua pesquisa, apresentar o modo criativo, irônico e metafórico com que o negro consegue construir suas histórias e referir-se à realidade social que o cerca “sem perder a alegria, pois o jongo apresenta-se, antes de tudo, como uma celebração à vida”.

Os pontos referem-se a momentos importantes da história das comunidades, como o tempo de cativo::

Lá vem o navio  
Apinhado de escravo,  
Vem da África trazendo  
Esse povo maltratado!...  
(AGUIAR, s/d)

Ou a momentos cotidianos, como conseguir um trabalho na farmácia:

Eu num é doutô,  
Eu num é “fermêro”.  
Como vai tomá conta de butica na Piedade?  
Eu num sabe lê,  
Eu num sabe “crevê”.  
Como vai tomá conta de butica na Piedade?  
(cantado pelo Jongo da Serrinha)

Em seus versos, o jongueiro traz em seu discurso, as marcas de sua história e de seus ancestrais.

A partir das entrevistas realizadas no Centro Cultural Jongo da Serrinha, compreendemos que a manifestação é instrumento da expressão cultural de ex-escravos e seus descendentes que vieram trabalhar principalmente nas lavouras de café, situadas na região Sudeste do país, especificamente na região conhecida como Vale do Paraíba, entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. São os antigos quilombos os principais locais em que é mantida a tradição cultural do Jongo até os dias atuais. O morro da Serrinha, no bairro de Madureira, é o único remanescente urbano destes escravos no território fluminense e o povoamento por estes jongueiros permitiu a reprodução da cultura no local.

Historicamente, o jongo só poderia ser praticado por velhos, era uma “cultura de cabeça branca”, sendo as crianças impedidas de participar. Há pontos de demanda e encanto, como nos ensina Alcântara(2008), aos quais elas não poderiam ter acesso. Porém, com a iniciativa da Vovó Maria Joana, que fazia ladainhas nas vizinhanças da comunidade, as crianças começaram a ouvir, aprendendo para, no dia seguinte, as

reproduzir como brincadeiras. Concomitantemente, o mestre Darcy e Maria Joana formaram um grupo na Serrinha para repassar a cultura aos jovens, como uma forma de preservá-la.

A ONG Jongos da Serrinha, pertencente ao Centro Cultural Jongos da Serrinha, fundada em 2000, conta com uma escola desde o ano de 2001. A escola possui cinco professores, dois coordenadores, um auxiliar de coordenação (pedagógico). As crianças participam de aulas gratuitas de canto, percussão, jongo, dança afro, capoeira Angola, cultura popular, teatro, artes plásticas e circo. Atende a cerca de 100 crianças, na faixa etária de 10 a 14 anos, moradores da comunidade. Porém a faixa etária não é excludente e há crianças de 4 anos até jovens de 23 anos de idade.

O movimento proposto pela ONG resgata a narrativa jogueira, acrescentando ao ritual a vivência de uma escola. Fazer a Escola de Jongos, invertendo o jogo posto pela tradição, da qual não participariam as crianças, é realizar uma intervenção nos processos de mediação culturalmente estipulados. Por outro lado, permite a sobrevivência do dizer ancestral, que participa do sentimento de pertencer: ao resgatar o dito, recupera-se a memória coletiva. Modifica a manifestação, ao mesmo tempo em que transforma os sujeitos: movimento dialético próprio do viver e da palavra.

A pesquisa segue buscando ainda respostas a importantes questões ( o que significa participar de uma escola de jongo? Como tal experiência participa da constituição do olhar infantil?), mas já consegue compreender a força da prática cultural e necessidade de sua palavra. Como dizem Passos e Carvalho(2009, p.11), “se a palavra é/tem sido usada para apagar a história de muitos e negar-lhes pertencimento é possível usá-la também para narrar as muitas histórias de processos identitários, de alianças, de práticas.”

## **REFERÊNCIAS:**

ALCANTARA, Renato de. A tradição da narrativa no Jongo. -Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2008

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8ª. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p 29-56. (Coleção Os pensadores).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

SODRÉ, Muniz . *As estratégias sensíveis*. Afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

